



TRIBUNA DE DEBATES

Publicação da Secretaria Sindical do Diretório Regional do PT

São Paulo Março de 1994

ESPECIAL

**Sindicalistas do PT:
Fortalecer o Partido**
Conclusões do Encontro Nacional

**Avançar na Relação
Partido/Sindicato**
Rui Falcão, Vito Gianotti e Joel
Fonseca

**Combater os Desvios
Políticos na Vida
Sindical**
Durval de Carvalho e José
Augusto de Souza

ÍNDICE

- 1- EDITORIAL (Waldemar Rossi) pg. 3
- 2- CONFERÊNCIA SINDICAL NACIONAL pg. 4
- 3- A ESTRATÉGIA DO PT (Rui Falcão) pg. 6
- 4- QUE ESTRUTURA SINDICAL OS PETISTAS DEFENDEM? (Vito Giannotti) pg. 8
- 5- MAIS PRESENÇA NA VIDA PARTIDÁRIA (Joel Fonseca Costa) pg. 9
- 6- COMO ACABAR COM A VIOLÊNCIA NO MEIO SINDICAL (Durval de Carvalho) pg. 11
- 7- UTOPIA OU NECESSIDADE DE CLASSE (José Augusto de Souza) pg. 11

EDITORIAL

TRIBUNA DE DEBATES ESPECIAL

A atual gestão da Secretaria Sindical do DR/PT/SP tem tido como eixo de sua ação a necessidade de integração entre as atividades sindicais e partidárias. Isto é, sua principal tarefa é a de mostrar aos sindicalistas a importância da influência deles na construção partidária e, por outro lado, viabilizar a atuação unificada dos petistas no campo sindical - a partir das grandes questões, que hoje estão colocadas, como a dos Foruns Setoriais; Liberdade e Autonomia Sindical com o Fim do Imposto Sindical; Desemprego; Unidade ou Unicidade dos Sindicatos e das Centrais; com particular importância para o momento temos, também, a questão do Enfrentamento com os Projetos da Direita nas Eleições de 94 etc..

Essa preocupação norteou os Encontros Estaduais e Nacional de Sindicalistas do PT. Assim, esse número especial da TRIBUNA DE DEBATES, que traz, além dos resultados do Encontro Nacional, algumas das contribuições levadas ao Encontro de São Paulo, é fruto do acúmulo conquistado, particularmente em termos de conteúdo.

Essa edição visa homogeneizar no Partido a discussão realizada e, por isso, convidamos os(as) companheiros(as), não só à leitura atenta, mas à organização desse debate em suas categorias profissionais e regiões de militância.

SAUDAÇÕES PETISTAS
WALDEMAR ROSSI

SECRETÁRIO SINDICAL DO DR/PT/SP

Conferência Sindical Nacional do Partido dos Trabalhadores

(18 - 19/12/93).

Texto extraído do Relatório Oficial.

1 - Introdução

Cumprindo resolução do 8º Encontro Nacional do PT o Diretório Nacional, através da Comissão Executiva Nacional, realizou a Conferência Sindical Nacional do Partido nos dias 18 e 19 de dezembro de 1993, no Instituto Cajamar - São Paulo, sob a coordenação da Secretaria Sindical Nacional. Um dos objetivos dessa conferência foi discutir e construir proposições sobre a intervenção petista no movimento sindical, analisando os problemas que enfrentamos e propondo encaminhamentos no sentido, de superar, através da discussão democrática, as divergências vivenciadas pelos setores petistas, no dia a dia da vida sindical. Este processo de discussão hora iniciado deverá estabelecer metas que levem os petistas a uma intervenção unificada no 5º CONCURTO.

O outro objetivo, principal na conferência foi a discussão de como se deve processar a atuação do Movimento Sindical Petista na campanha Lula 94, no processo de discussão do PAG-Lula 94, como também o papel desse setor partidário no futuro governo. Por compreender, que o centro da tática do Movimento Sindical, deve ser o de contribuir na elaboração e na efetivação do Projeto Democrático e Popular, apresentado por nosso Partido a sociedade brasileira.

PARTICIPAÇÃO

Total de delegados presentes: 59 delegados
Representação de 14 estados - 56 delegados
Representação CUT - 3 delegados

Debatedores - Luís Inácio Lula da Silva, Ricardo Antunes, Rui Falcão, Jair Meneguelli, Gilmar Carneiro, Telma de Souza, Vicente Paula da Silva e Miguel Rosseto.

2 - DELIBERAÇÕES

2.1- Os petistas e suas relações no Movimento Sindical

A conferência critica a forma antagônica e anti democrática em que se baseia as relações entre petistas nos processos eleitorais das entidades de base, nas direções de nossos sindicatos como também nas instâncias da CUT. Estas relações devem ser repensadas no sentido de superar a cultura vigente. Nesse sentido propomos: que as Secretarias Sindicais Estaduais do Partido construam coletivos plurais no sentido de abrir a discussão dos problemas acima referidos e assim possamos efetivamente a partir

do debate fraterno superar o atual processo negativo de convivência e construir a unidade petista.

2.2- Organização sindical getulista e os desafios rumo a liberdade e autonomia sindical.

A conferência Sindical critica a acomodação de nossos sindicatos a atual estrutura, como também a inexistência de organizações por local de trabalho e propõe: abrir um debate nacional onde as várias visões de estrutura sindical possam ser discutidas, como também uma campanha nacional em defesa da liberdade e autonomia sindical. Esta discussão deve conter temas como: o papel da justiça do trabalho, a cultura corporativista e o processo de transição a nova estrutura.

2.3- OS SINDICALISTAS E SUA ORGANIZAÇÃO PARTIDÁRIA:

A Conferência Sindical critica o distanciamento dos sindicalistas mais importantes (devido ao peso político de suas entidades) da vida partidária. Este distanciamento revela uma postura despolitizada, desde que tais companheiros se comportam como se a vida partidária, os compromissos com a construção do partido e suas políticas fossem tarefas inferiores. Frente a esta situação, propomos:

2.3.A- que a direção do partido através de suas principais lideranças, desestimulem estes diálogos privilegiados, fora das instâncias partidárias e convoquem os nossos sindicalistas de "peso" a participar direta ou indiretamente do Coletivo Sindical Nacional e das reuniões da CEN sempre que seja necessário suas presenças.

2.3.B- Formação de um Coletivo Sindical aberto sob a coordenação do Secretário Sindical Nacional para elaborar documentos sobre todos os temas aqui anotados, como também e principalmente sobre a Campanha Lula 94 e também coordena a campanha de Lula no setor.

2.3.C- Desencadear uma ampla campanha de filiação de sindicalistas ao PT com cartaz nacional e textos que subsidiem esta campanha.

2.3.D- Desenvolver uma campanha nacional de nucleação de categorias e intercategorias.

2.3.E- Construir um Informativo da Secretaria Sindical Nacional no sentido de divulgar posições que explicitem as divergências sobre os diversos temas abordados nessa conferência. Este boletim não se encerra com a

realização do 5º CONCUT e nem com a finalização do processo eleitoral. Tendo o papel de democratizar as diversas posições petistas durante a campanha presidencial e durante o governo Lula 94.

2.4- Os petistas e sua intervenção no 5º CONCUT

A Conferência Sindical Nacional, considerando que na atual conjuntura o centro da luta de classes passa pela eleição de Lula, e considerando o papel determinante da Central Única dos Trabalhadores tem nesse processo propõe:

2.4.A- Unidade dos petistas em relação a CUT como imperativo e linha política.

2.4.B- Decorrente da unificação do programa participação unificada dos petistas enquanto chapa no 5º CONCUT. Esta proposta difere de chapa única no Congresso, porém não se coloca enquanto elemento inviabilizador de proposta do Diretório Nacional e da CUT, mas sim buscar em primeiro lugar a nossa unidade, que com certeza nos fortalece no processo de construção de chapa única.

2.4.C- Agregar ao programa da CUT a discussão de uma linha de democratização interna da vida cutista como compromisso político dos petistas sindicalistas.

- Democratização na relação com as bases
- Democratização nas estruturas internas dos sindicatos e nas instâncias cutistas.

2.4.D- Preparar plenárias petistas nos estados antecedendo aos CECUTs., como também uma plenária nacional petistas antecedendo o 5º CONCUT.

2.5- ORGANIZAÇÃO E ESTRUTURAÇÃO DA SECRETARIA SINDICAL NACIONAL.

A Direção Nacional do Partido deve dar devida importância a esta Secretaria, pois o Movimento Sindical representa a principal base social do PT.

2.6- FORMAÇÃO DE UM COLETIVO DE SECRETÁRIOS SINDICAIS DOS ESTADOS

Formação de um coletivo de Secretários Sindicais dos Estados mais próximos, no sentido de contribuir com a implantação das decisões dessa conferência. A agenda desse coletivo deverá estar sujeita a agenda da CEN.

2.6.A- Participarão desse coletivo os referidos Secretários Sindicais, como também os sindicalistas de maior peso político do movimento em pessoa ou através de suas representações.

2.6.B- Este coletivo tem a coordenação da companheira Vera Gomes que vem desempenhando este papel apesar das dificuldades hoje presentes a essa ação.

2.6.C- Caberá a este coletivo a participação na elaboração e discussão do PAG-Lula 94 organizando debates setoriais dentro da estratégia política do PT.

2.6.D- Este coletivo deverá desenvolver íntima relação com os CDRs. no sentido de promover a articulação tão necessária às bases partidárias.

2.7- AMPLA CAMPANHA DE FINANÇAS

A Secretaria Sindical Nacional deverá fazer uma ampla campanha de finanças através de um bônus dirigido ao Movimento Sindical Nacional e aos Estaduais, como também contribuir financeiramente na campanha Lula-94.

2.8- PARTICIPAÇÃO DOS SINDICALISTAS DO PT NA CAMPANHA LULA-94 E RELAÇÃO DO MOVIMENTO SINDICAL COM O FUTURO GOVERNO LULA.

2.8.A- A conferência Sindical dos Sindicalistas do Partido dos Trabalhadores, não considera a Campanha Eleitoral de 94 um simples momento eleitoral. A candidatura Lula e o programa de governo do PT representa um momento único vivido pelas classes trabalhadoras brasileiras.

2.8.B- Pela 1ª vez em nossa história temos chances reais de promover as mudanças estruturais (através das reformas que propomos) que o Brasil necessita no sentido de resgatar a cidadania do nosso povo, de construir condições reais de desenvolvimento com distribuição de renda. Portanto o centro da nossa tática consiste em ganhar as eleições e construir a hegemonia popular que garantirá a execução das reformas propostas no PAG Lula 94. Sem isso, Lula, sozinho não efetuará as reformas necessárias, não superará os conflitos que o nosso programa provocará junto as elites.

2.8.C- Como providência inicial, este Encontro propõe a elaboração de um manifesto aos sindicalistas petistas, conclamando ao engajamento imediato do Movimento Sindical na Campanha Lula Presidente.

São Paulo, janeiro de 1994.

A ESTRATÉGIA DO PT*

RUI FALCÃO

Vice-Pres. Nacional do PT

Desde o final dos anos 70 fala-se em "crise do modelo de desenvolvimento implantado pela ditadura". Trata-se de uma disputa entre modelos alternativos de desenvolvimento para o país. A direita propõe a retomada do desenvolvimento através de mecanismos que prejudicariam ainda mais as condições de vida da população.

Desde o final dos anos 70, também, o lado esquerdo da sociedade brasileira vem acumulando forças na retomada das lutas sindicais e populares, ainda sob a ditadura; na implantação do PT e da CUT.

A crise do socialismo é utilizada como argumento favorável à "luta pelo possível", em detrimento da busca de uma sociedade globalmente alternativa ao capitalismo. A crise dos movimentos sociais provoca timidez na formulação do programa de transformações necessário ao país, despolitiza-se a política de alianças e coloca-se um tema fundamental e qualquer mudança social: quem vai ser prejudicado? A nossa participação cada vez maior nas instituições do Estado burguês empurra diversos setores para uma espécie de co-responsabilidade na gestão da crise nacional.

Caso persista esta situação, o país se verá diante de uma situação paradoxal: após mais de uma década de "crise de modelo", nem a burguesia dispõe de uma alternativa que seja hegemônica no seu próprio interior, nem classe trabalhadora consegue se constituir em alternativa de projeto e de poder. Nesse sentido, ganha importância estratégica o desenrolar e o desfecho da próxima eleição presidencial, que a exemplo da última constituirá um momento privilegiado para a disputa de projetos de desenvolvimento.

O PAPEL DO PT

O desafio da esquerda, vale dizer o desafio do PT é simultaneamente, formular um projeto democrático e popular e hegemonizar a sociedade brasileira em torno desse projeto. Para isso há três idéias que julgamos centrais:

1- Não há transformação estrutural no país sem choques profundos, sem rupturas, sem conflitos de classe e portanto não haverá vitória democrática e popular sem mobilização, sem organização partidária, sem a constituição de blocos de classe e política de alianças;

2- Não há transformação estrutural sem custos sociais, e a questão que define o corte de classes de um e de outro projeto de

desenvolvimento é saber "quem vai pagar a conta", que setores sociais serão beneficiados;

3- No atual estágio de desenvolvimento capitalista, tanto no Brasil quanto internacionalmente, não há espaço para um projeto nacional democrático e popular que não esteja vinculado com uma alternativa socialista.

O próximo Encontro Nacional do PT terá que se debruçar sobre estes condicionamentos:

1- Qual o lugar na política concreta do partido, e qual a feição de um socialismo renovado?

2- Qual o impacto da nova conjuntura internacional e nacional sobre a estratégia formulada pelo Quinto Encontro Nacional, especialmente sobre "ser-governo-para-ser-poder"?

3- Quais as diretrizes do programa democrático e popular, como ele deve ser formulado para que não se converta numa peça de gabinete, e em que medida este programa se diferencia do programa da Campanha-94;

4- Qual a tática e a política de alianças para 1994, e como isso se combina com a oposição do PT ao governo Itamar?

5- Quais as alternativas para os movimentos sociais, qual a política para as prefeituras democrático-populares, quais as correções no rumo do partido?

6- Quais os cenários pós-94? A resposta adequada a este conjunto de questões é que pode evitar os riscos da cooptação pela burguesia e do isolamento esquerdista.

GOVERNO, PODER E CONSTRUÇÃO DO SOCIALISMO

Do ponto de vista de um partido interessado na construção de um Brasil socialista, o problema que está posto é transformar um provável governo federal petista num instrumento de acúmulo de forças. Nas atuais condições isso se faz, basicamente, impulsionando transformações democráticas e populares - políticas, econômicas, sociais, culturais. Será no debate concreto sobre quais são estas transformações que se determinará o vínculo concreto entre nosso governo e a luta socialista.

Entre os vários cenários possíveis, trabalhamos para constituir aquele em que um governo federal petista dispõe de força política suficiente para deflagrar reformas estruturais de cunho democrático e popular, derrotando as tentativas de cooptação e desestabilização, num

"o desafio do PT é simultaneamente, formular um projeto democrático e popular e hegemonizar a sociedade brasileira em torno desse projeto"

(*) EXTRAÍDO DA EXPOSIÇÃO FEITA EM 13/11/93, NO PRIMEIRO ENCONTRO ESTADUAL DOS SINDICALISTAS DO PT-SP.

contexto de confrontos de classe cada vez mais agudos, de cujo resultado depende o ritmo das transformações e sua maior ou menor vinculação com o socialismo.

É por isso que devemos combater um programa que se pretende efetivar com o mínimo conflito e o máximo consenso; é por isso que nos defrontamos com a idéia de um governo que pretende favorecer a todos, e não diz a quem vai penalizar; é por isso que não queremos um governo que minimize seu papel político-ideológico, se limitando a "governar".

Diante deste quadro, o PT deveria elaborar um plano estratégico - incluindo a campanha e a ação de governo - que considere a tendência à conflitos cada vez mais agudos, dando a devida prioridade para a reconstrução das bases sociais do PT, no movimento sindical, popular, estudantil, e nos setores marginalizados. As batalhas de 1994 só poderão ser ganhas se o PT as conduzir desde baixo

O PROGRAMA DEMOCRÁTICO- POPULAR

Nesse sentido, o programa de governo deve ser entendido como uma peça política e não técnica. Política em três sentidos:

1- Sua elaboração deve ser um instrumento de politização e envolvimento da base social do partido e de seus potenciais aliados;

2- Sua divulgação, durante a campanha, deve ser um instrumento de politização da sociedade, preparando-a para entender - e portanto poder se posicionar - nos conflitos que ocorrerão durante nosso governo;

3- Sua implementação, durante o governo, é a implementação de nosso plano estratégico. Noutras palavras, caberá ao programa dizer que setores da sociedade nós vamos eleger como beneficiários e como inimigos principais em cada fase do governo.

O programa de governo/Lula 94 deve ser um aprofundamento das diretrizes do programa de governo/Lula 89. Não se trata, portanto, de um programa socialista. Mas também não se trata de um programa de governo para 4 anos de gestão. Ao contrário, é preciso que nosso programa diga quais medidas deverão ser adotadas, nos próximos cinco anos, para que o país caminhe no sentido da sociedade alternativa que almejamos.

Outra questão-chave: o programa de governo deve ser apresentado como um conjunto de idéias-força, capazes de ganhar respaldo social, sensibilizar milhões, mobilizar outro tanto.

POLÍTICA DE ALIANÇAS

É a partir deste programa que poderemos estabelecer o nosso arco potencial de aliados para a eleição de 94. Não se trata de realizar uma aliança de centro-esquerda, mas de realizar alianças com quem estiver disposto a apoiar nosso programa. Isso é importante em dois sentidos: primeiro, por evitar o rebaixamento oportunista de nosso programa, sob pretexto de ampliar o leque de alianças; segundo, por que politiza a questão das alianças, evitando a leitura popular, dos que se unem apenas pelo poder.

As eleições de 94 serão mais complexas do que as de 89. Mantém-se os dois turnos, com seus diferentes arcos de aliança. E realizam-se eleições para governador, senado, Câmara e Assembléias legislativas. Para atuar nesse quadro, sugerimos as seguintes diretrizes: 1- A campanha presidencial do partido deve pautar as campanhas para governador e legislativos; 2- As diretrizes programáticas e a política de alianças nacional deve orientar as estaduais e legislativas; 3- A existência de dois turnos e a complexidade do quadro

político estadual não recomendam a aplicação mecânica da orientação nacional.

Nas definições sobre nossos aliados, apresentamos as seguintes considerações: 1- O PT deve buscar consolidar, ainda no primeiro turno, os partidos do chamado campo democrático e popular; 2- O PT deve buscar atrair, ainda no primeiro turno, e na pior das hipóteses visando o segundo turno, os partidos que, não pertencendo ao campo democrático e popular, podem somar conosco; 3- O PT deve realizar alianças com quem a) concorde com nosso programa; b) esteja na oposição a Itamar.

Em qualquer hipótese, não se deve limitar a política de alianças aos acordos partidários-eleitorais. É preciso estabelecer relação orgânica entre a candidatura e os movimentos sociais, as organizações populares e da sociedade civil. Tenha-se em vista que "aliança" não é só para ganhar eleição é garantir maioria no Congresso.

"É por isso que devemos combater um programa que se pretende efetivar com o mínimo conflito e o máximo consenso; é por isso que nos defrontamos com a idéia de um governo que pretende favorecer a todos, e não diz a quem vai penalizar..."

QUE ESTRUTURA SINDICAL OS PETISTAS DEFENDEM?

VITO GIANNOTTI

Executiva da CUT Regional de São Paulo

A questão da Estrutura Sindical não é uma questão menor para os trabalhadores e conseqüentemente para o PT.

A Estrutura Sindical, que queremos, deve estar relacionada diretamente aos objetivos de longo prazo que defendemos dentro da Central onde atuamos e a prática sindical que queremos desenvolver.

Os militantes sindicais petistas atuam na CUT. Isto, longe de representar uma camisa de força, está ligado ao fato que ela é a única Central Sindical que defende os mesmos objetivos históricos do PT. CUT e PT defendem, cada um na sua especificidade, o socialismo. Em seus estatutos, a CUT, retomando a frase clássica de Marx, reafirma duas vezes, que a CUT é uma Central que luta pelos "objetivos imediatos e históricos dos trabalhadores". Assim, não é por acaso que os sindicalistas petistas estão na CUT. É que a outra Central, a Força Sindical, defende declaradamente o capitalismo. (Aqui não levo em conta a existência artificial das duas CGT).

Esta identidade de objetivos políticos global entre CUT e PT, a defesa do socialismo, tem conseqüências claras no tipo de estrutura que a Central e o Partido defendem.

POR UMA ESTRUTURA QUE ACUMULE NO SENTIDO DO SOCIALISMO

Os militantes petistas, ao atuarem dentro da CUT, tem que levar em conta os princípios ligados diretamente à sua opção pelo socialismo. Disso vem o combate pela autonomia frente ao estado, pela independência de classe frente a burguesia. Disso nasce a exigência de uma Central com o máximo de democracia interna; enraizada na base através de várias formas de organização por local de trabalho (OLT). Uma Central que lute pela maior unidade política dos trabalhadores.

Não é fácil traduzir na prática do dia a dia esses princípios. Dentro da CUT, nos seus primeiros anos de existência, esses temas eram reafirmados constantemente. Na prática pouco avançamos além das declarações de intenções, feitas nos Congressos.

Hoje, assistimos na CUT um abandono muito acelerado dos princípios, que nortearam nosso projeto sindical inicial. Especificamente, a batalha por uma nova estrutura sindical cutista

está sendo relegada à décima quinta prioridade. Seus termos básicos estão sendo "esquecidos": é o caso da luta pela aplicação da convenção 87 da OIT; do fim do Imposto Sindical; do investimento prioritário na organização por local de trabalho - como as comissões de fábrica, as CIPAS combativas, os delegados sindicais - e, por fim, a democratização da vida e da máquina sindical, de forma a garantir o controle das direções pelos trabalhadores.

E O PT COM ISSO ?

O PT tem tudo a ver. O PT nasceu e se configurou como um partido de perfil socialista. Socialismo que parte da superação da velha herança burocrática-estalinista. Um socialismo que se propõe a garantir a mais ampla democracia aos trabalhadores; a mais ampla transparência e participação ativa dos trabalhadores na determinação do seu destino.

Para o PT, então, não é indiferente como os trabalhadores se organizam nos sindicatos cutistas, onde o Partido tem influência através dos seus militantes

organizados. A estrutura sindical a ser construída deve ir no sentido da acumulação, rumo a perspectiva política global: o socialismo.

A estrutura sindical, que os petistas vão defender na CUT, só pode ser radicalmente diferente daquela que a Força Sindical adote. Tão diferente quanto os objetivos políticos das duas Centrais em questão.

Neste sentido o PT tem o dever de fazer acontecer, entre os seus filiados, a discussão e problematização sobre a estrutura sindical mais adequada. Isso seja à nível de princípios, mas sobretudo na sua aplicação prática.

O QUE UM CUTISTA DO PT DEVE OBSERVAR

Não se trata de uma intervenção ou intromissão do Partido na instância sindical. Trata-se do Partido assumir seu papel orientador e dirigente. Descendo a prática, os petistas atuando na CUT deverão responder a vários desafios, dos quais destacamos:

1 - AUTONOMIA E LIBERDADE SINDICAL

Retomar a defesa histórica no PT e na CUT,

da Convenção 87 da OIT. Isso implica uma clara condenação teórico-prática da unicidade imposta por lei e a defesa da unidade livremente escolhida pelos trabalhadores.

2 - FIM DAS TAXAS COMPULSÓRIAS

Para os petistas sempre foi automático serem contra o imposto sindical e outras taxas compulsórias da mesma família, inventados por nós. Essas taxas se justificam com base na unicidade sindical que nós condenamos. São a base material da despolitização, baixo nível de sindicalização e burocratização dos nossos sindicatos.

Como levar adiante, seriamente, a luta contra esses vários "impostos sindicais" e pensar num projeto de auto sustentação livre e voluntário? Qual a experiência que o PT pode passar aos seus filiados, para os sindicatos chegar a se sustentar, sem depender de assembléia mais ou menos fantasmas, que servem para oficializar mais um imposto, seja ele chamado de "assistencial" ou "confederativo"?

3 - DEMOCRACIA NOS SINDICATOS

Sabemos que a CUT, sobretudo após o IV CONCURTO, enveredou por um caminho perigoso de burocratização e falta, cada vez maior, de democracia interna.

Como garantir que os petistas nos sindicatos sejam os campeões da democracia? Como convencer sua militância a aplicar a democracia nas assembleias? (com palavra garantida à todas as posições, com informações, corretas para a massa etc) ?

4 - ACABAR COM O ESCÂNDALO DAS NOSSAS ELEIÇÕES CUTISTAS ATUAIS.

Hoje é prática comum, haverem várias chapas cutistas nos sindicatos, disputando a diretoria. Geralmente essas eleições são um show de contrapropaganda cutista. A falta de democracia (recursos só para a chapa que está na máquina). Aplicamos as piores lições da Ditadura Militar e do sindicalismo patronal praticado pela Força Sindical.

Porque os petistas, com seu peso político, não impedem a formação de várias chapas cutistas numa eleição? Porque o PT não consegue impor a prática de um mínimo de denúncias nestes processos; a formação da chapa única cutista, via convenção democrática (com proporcionalidade qualificada) ou via uma prévia na base ou outro mecanismo? Como o PT pode impedir a prática de petistas se acusarem, com um baixo nível - igual à uma disputa entre inimigos absolutos?

RETOMAR A ORGANIZAÇÃO DE BASE

Hoje na CUT a organização na base quase não é mais lembrada. Isso é um fato. O PT dos núcleos, o PT que saiu das bases, organizando-se nos bairros, nos movimentos sociais, tem todo interesse em incentivar, nos sindicatos, a organização por local de trabalho. Essa é a tarefa de todo cutista. Porém, os petistas têm duplo motivo para lutar por isso. O socialismo que queremos construir, para não repetir os fracassos conhecidos, deverá basear-se na mais ampla organização autônoma dos trabalhadores de base. Então, é só arregaçar as mangas. Trabalho não falta.

MAIS PRESENÇA NA VIDA PARTIDÁRIA

Estamos próximos de uma disputa eleitoral que pode marcar uma virada histórica no cenário da luta de classes no Brasil.

Lula desponta em todas as pesquisas como candidato na preferência dos eleitores brasileiros. Não há jornal que, diariamente, deixe de levantar a perspectiva bem concreta de vitória das forças de esquerda. Isso é muito bom para a classe trabalhadora brasileira, por tudo o que pode trazer em termos de conquistas sociais e democráticas.

Mas a possibilidade de vitória nos obriga também a examinar com franqueza todas as nossas debilidades. Mesmo porque a vitória de Lula deve abrir um período de grande acirramento na mobilização das elites, para tentar barrar as reformas estruturais. E estas só poderão ser garantidas se as forças populares lançarem

JOEL FONSECA COSTA

Vice-Pres. do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC

mobilizações muito mais fortes. E, por enquanto, não vemos fortes indícios de que esse despertar esteja garantido.

Não há tempo a perder, portanto.

CUT, PT E A PERSPECTIVA DO PODER

Neste momento em que o PT promove encontros de suas secretarias sindicais, terminando com um evento nacional, não podemos discutir a relação entre partido e sindicato de um ponto de vista abstrato. A discussão é concreta. A disputa de 94 e um provável governo de esquerda em 1995 obrigam a trabalharmos com urgência uma nova relação entre nossa militância nos sindicatos cutistas e nossa atividade partidária.

A grande verdade é que a ligação entre PT e CUT que a imprensa ataca todo santo dia é maior

nas páginas desses jornais do que na vida real. São frequentes os momentos em que nossa Central e nosso Partido atiram em direções diferentes. Podemos lembrar, como exemplos, as bandeiras diferenciadas no tratamento da Dívida Externa, enfoques distintos sobre a mobilização das Diretas Já, os debates sobre o Fora Collor etc.

Enquanto somos, PT e CUT, forças de oposição, esses desencontros podem trazer prejuízos, mas superáveis. Se passarmos à condição de força detentora do poder, liderando um processo de rupturas

para inviabilizar a dominação burguesa, não poderemos nos dar ao luxo de seguir com baixa sintonia. Porque o inimigo saberá tirar proveito e o preço será caro.

As causas desses momentos de distanciamento certamente devem ser atribuídos aos dois lados. Do lado do sindicalismo cutista, desde as assembléias de Vila Euclides, em que Lula atacava os partidos existentes (Arena e MDB), e já de antes, existia uma cultura anti-partido que não pode ser subestimada.

A construção do PT significou uma reviravolta nessa cultura e, como todo processo histórico, as mudanças radicais exigem tempo. Muitos dirigentes sindicais cutistas que são filiados ao PT, na verdade não conseguem priorizar a vida partidária em termos concretos. Na hora das campanhas eleitorais se engajam, muitos participam dos encontros partidários, defendem o PT. Mas seu dia-a-dia é exclusivamente voltado ao seu próprio sindicato, como se a questão partidária fosse secundária ou própria dos meses em que a TV põe no ar os programas obrigatórios eleitorais.

Também do lado do partido houve muitos episódios em que as direções adotaram frente aos sindicalistas uma atitude preconceituosa ou desqualificadora, como se os sindicalistas fossem por definição apegados a interesses corporativistas, sem atingir uma visão política global das coisas.

esses comportamentos, de parte a parte, geraram cicatrizes que precisam ser tratadas.

SINDICALISTAS E PARTIDO: MUDAR O RELACIONAMENTO

Do lado dos sindicatos, defendo a necessidade de planejar cada vez mais debates sobre as grandes questões políticas nacionais e reforçar

os programas de formação dirigidos a uma capacitação política mais forte.

Do lado do partido, penso que as direções deveriam passar a tratar com mais ênfase a necessidade de vinculação dos militantes sindicais ao cotidiano partidário, até como garantia de relação estreita para viabilizar as grandes mobilizações nacionais que deveremos ter pela frente.

Isso pode ser feito de várias maneiras. Em primeiro lugar, é preciso divulgar mais a linha sindical do PT, a defesa programática que o partido faz da CUT e todas as definições diretamente ligadas à política salarial, defesa do emprego, reforço aos direitos de organização sindical etc.

Mas essa divulgação não pode se limitar à publicação de documentos políticos e jornais de agitação. Precisa ser feita através de um contato direto e de um diálogo permanente, onde cada parte sente à mesa com disposição de ouvir e, quem sabe, mudar algumas posições defendidas anteriormente, à luz desse diálogo.

As direções petistas, em cada estado, deveriam mesmo agendar uma seqüência de reuniões com as principais diretorias sindicais da região, para um contato direto e uma discussão franca. Mesmo no caso em que as direções sindicais

...é preciso divulgar mais a linha sindical do PT, a defesa programática que o partido faz da CUT ..."

incluem companheiros sem partido ou vinculados a outras siglas, esse encaminhamento também vale. Basta que os petistas já abram sua exposição explicando que procuraram o sindicato dada a sua importância como organização da sociedade civil, que concordam com o caráter supra-partidário da entidade, que não pretendem ferir sua autonomia etc.

Aliás, a comissão que vem coordenando a elaboração do Programa de Governo Lula 94 acaba de manter reunião com a Executiva Nacional da CUT (como ainda fará com o Movimento dos Sem Terra, com a Central de Movimentos Populares, com a OAB etc para pedir ajuda e contribuições ao Programa. A conversa rolou muito bem, mesmo havendo companheiros do PC do B e do PSTU naquela Executiva.

Desses contatos diretos deve nascer um patamar novo de relacionamento e, provavelmente, os dirigentes sindicais se sentirão mais estimulados a engajamento firme na vida partidária.

COMO ACABAR COM A VIOLÊNCIA NO MEIO SINDICAL

DURVAL DE CARVALHO
Vice-Pres. da CUT Nacional

Aos que, como eu, iniciaram a militância sindical ainda nos anos 70, nas memoráveis **oposições sindicais** ao velho peleguismo e à estrutura sindical fascista, permanecem sempre na mente lembranças tristes da violência no meio sindical: ela sempre foi a outra face do peleguismo.

Entretanto, jamais chegamos a imaginar que, passadas menos de duas décadas, a gangsterização sindical fosse bater tão forte em nossa porta. A exploração oportunista da grande imprensa deve ser denunciada, mas não servir de desculpa: a tragédia dos Rodoviários do ABC aparece desgraçadamente, para os olhos mais atentos, apenas como a ponta do iceberg.

O sindicalismo de esquerda está diante de um grande desafio. A capacidade destruição que esse fenômeno possui é brutal. A ameaça está posta de modo particular para o nosso Partido. Por sua origem, tradição política e por sua inserção na sociedade, o PT significa aproximadamente 80% da CUT. Talvez o ponto de partida seja indagarmos porque chegamos a este nível de putrefação.

Os Sindicatos são estruturas que dão a muitos de nós o acesso à **fama** e ao **poder** pela oportunidade que temos de movimentar altas somas em dinheiro (as vezes superiores à maioria dos municípios brasileiros) e pela força social e política que nos projeta.

A combinação destes fatores exerce, em geral, um certo fascínio. Se não criarmos os anticorpos, como por exemplo a firmeza de caráter e de ideologia gestados em uma vivência de controle coletivo, este vírus pode levar o corpo à morte. É incrível como somos capazes de criar o mais contundente discurso para afastar aqueles que

ameaçam a "divindade do sacro poder".

Se queremos acabar com a violência em todos os níveis no nosso sindicalismo, é preciso que tenhamos coragem de correr riscos. Isso significa enfrentar os nossos "caciques" e "chefes", lutar contra a cultura autoritária que permaneceu em nós e radicalizar a democracia nos Sindicatos.

O resgate dos princípios do PT para o sindicalismo classista e combativo é fundamental, como o é o princípio que rejeita o Sindicato como "correia de transmissão". Todavia, grandes sindicatos praticam o modelo de "correia de transmissão de tendência". Acabam transformando a entidade, que por sua natureza e especificidade é mais ampla que o Partido, em espaço privado do grupo dirigente. Para nossa sorte e para nos mostrar que nem tudo está sob trevas, há sindicatos grandes, médios e pequenos em que, felizmente, petistas praticam com sucesso as experiências de convenções proporcionais (como fazemos em

nossos Diretórios) e prévias nos locais de trabalho para, em seguida, se chegar à composição da chapa cutista que disputará o sindicato.

Outro passo importante é o de desierarquizar nosso modelo de direção sindical, construindo direções colegiadas. Cada membro eleito em uma chapa sindical deve ter poder igual aos demais, com poderes e deveres para todos. Isso garante um processo de rodízio no exercício das funções sindicais e proporciona um aprendizado coletivo. O presidente, quando ainda houver, deve se pautar por uma concepção democrática e não monárquica, como acontece hoje em vários dos sindicatos dirigidos por petistas.

E vamos adiante.

"O resgate dos princípios do PT para o sindicalismo classista e combativo é fundamental, como o é o princípio que rejeita o Sindicato como 'correia de transmissão'".

UTOPIA OU NECESSIDADE DE CLASSE

JOSÉ AUGUSTO DE SOUZA
Membro da APEOESP

Chegou a hora de tocar o dedo na ferida. Precisamos lembrar que o nosso principal inimigo é a burguesia, sem contar com os pelegos, que tramam contra a organização dos trabalhadores.

Entendemos que devem existir as correntes, que devemos disputar o poder, que a democracia precisa ser garantida, no entanto devemos deixar a selvageria das disputas políticas entre petistas.

Convido a todos os sonhadores, como eu, a se engajarem numa luta pela ética nas disputas

políticas. Uma ética, que só vai existir se voltarmos para o partido e discutirmos seus objetivos. Não acredito que as diferenças de idéias sejam tão grandes, a ponto de não podermos discutir e somar os pensamentos.

O Partido dos Trabalhadores, especialmente a Secretaria Sindical, tem que se empenhar em tratar os sindicalistas como a unidade fundamental das lutas sociais.

É preciso traçar metas de formação política para preparar um companheiro mais solidário,

mais politizado, mais preparado para o embate com a burguesia e os pelegos, acreditando que o novo sindicalista é uma célula nova. Essa instrução deve ter os seguintes valores:

- a) o PT acima de tudo;
- b) levar às massas o pensamento do Partido;
- c) saber que, em qualquer lugar, está representado o Partido e não a si mesmo.

Pode parecer um tanto radical esta proposta, mas ela leva em conta que o Homem já nasce com egocentrismo. O que ele precisa saber é que o PT tem uma proposta diferente. Quanto aos muitos sindicalistas mais antigos, penso que nada têm a ensinar e só sabem fazer grandes brigas com seus companheiros, sem perceber o grande avanço da burguesia sobre a classe trabalhadora.

Veja bem, o plano neoliberal continua, a privatização continua, o desemprego, a fome, a miséria também continuam. Não temos assistência médica, nem habitação etc.

...e a APEOESP? A APEOESP sai de uma greve com um saldo de perda de 0,3 do mínimo. Então, nós recuamos ou avançamos? Acredito que não avançamos.

Os trabalhadores de todas as correntes do PT têm que ter, no mínimo, ética nas disputas

políticas. o que passa por:

- a) buscar menos o poder para a satisfação pessoal;
- b) buscar o poder para lutar contra a burguesia e os pelegos;
- c) representar o PT, engrandecê-lo e organizá-lo.

Desculpem-me os companheiros, que considerarem esta retórica muito simplista. Mas, é a partir das coisas simples que, às vezes, refletimos um pouco e conseguimos retomar as lutas de um outro ponto de vista.

Parabenizo o nosso companheiro dirigente da Secretaria Sindical, Waldemar Rossi. Observei um esforço político muito grande para tornar o 1º Encontro de Sindicalistas do PT algo melhor do que foi.

Notei a ausência da maioria dos dirigentes dos grandes sindicatos. Notei que havia alguma coisa errada e que esta coisa passava pelas disputas políticas. Verifiquei que o PT, que vi nascer em 79/80, está muito mudado.

Sinto que os "capas pretas" não querem se expor às massas e que eles têm muita auto-estima. Enquanto mantiverem esta postura, suas estrelas não brilharão à altura da estrela do PT.

Dia 20 de Março de 94 Encontro Setorial dos Sindicalistas do PT de SP

Tirada de Delegados para Encontro Estadual do Partido

Informações com a Secretaria Sindical do DR SP Tel 011
223.7999 (R211)